

TELEVISÃO, CRIANÇA E LEITURA

Maria Helena Martins

Prof^a de Teoria Literária
da URGs

Não sendo especialista em TV, antes de mais nada quero esclarecer que minha presença nesta mesa se deve apenas à oportunidade de colocar algumas questões que relacionam a televisão, a criança e a leitura. Quanto mais não seja porque as três parecem, segundo voz corrente, incompatíveis.

A TV, no que diz respeito à criança, determinou conflitos em pais e educadores preocupados com padrões e valores morais, sociais e culturais. Tem sido vista como ameaça à estabilidade da conduta familiar, dos currículos escolares e como um dos maiores empecilhos para a formação de leitores. Precisaríamos, entretanto, considerar alguns dados, antes de endossar tais afirmações.

Quanto a padrões e valores, sabemos que as bases nacionais são raquíticas; nossa tradição é de dependência, somos colonizados na maioria dos setores da vida brasileira. Quanto a questões escolares, a crise no ensino vem denunciando problemas bem mais amplos e complexos do que reformas de currículos ou inexistência do hábito de leitura: o orçamento da União, em 64, determinava 12% para a Educação; hoje estamos ao redor de 4%; apesar de 10 anos de MOBRL, observa-se regressão ao analfabetismo; em 1976, o IBGE estimava em 45% as crianças em idade escolar que estavam fora da escola, sendo a evasão entre a 1a. e a 2a. série do primeiro grau fato público e notório.

Em contrapartida a TV parece ser o meio de comunicação de massa que mais atrai as crianças, seus principais

consumidores. Assistem-na, em média, três horas por dia, e o padrão de exposição tende a ser mais intenso nas camadas sócio-econômicas mais desfavorecidas talvez por falta de outras opções de lazer. Mesmo que o rádio ainda seja o principal meio de comunicação de massa, cada vez aumenta mais o número de telespectadores. E na fala do pescador cearense ou do sertanejo, como na do gaúcho, do suburbano carioca ou do paulista quatrocentão, surgem, em uníssono, as frases-feitas, os refrões dos programas humorísticos; menininhas e garotos reproduzem trejeitos e modas lançados nas telenovelas. Sem contar a imensa maioria de enlatados a fazer a cabeça da garotada.

Diante desse quadro, seria ingenuidade surpreendermo-nos com o fato de nossas crianças estarem sempre ligadas na TV e não gostarem de ler. Ainda mais quando sabemos que a leitura nunca chegou a ser fonte de informação e lazer para o brasileiro em geral. Jornais e revistas são pouquíssimos lidos; o livro é quase desconhecido. Aliás, para a grande maioria, livro é sinônimo de livro didático - o único que muitos jamais tiveram nas mãos. De certa forma, passamos para a era eletrônica ainda pré-gutenberguianos. Assim, a existência de milhões de crianças analfabetas e de outras tantas alfabetizadas que não gostam de ler confere com a nossa realidade social e histórica. E reforça a preferência pela televisão.

Mesmo as crianças escolarizadas e de camadas sócio-econômicas mais favorecidas desde cedo sentem atração pela TV. É natural, pelo facilitário da comunicação através das imagens em movimento. Logo conhecem o que é uma boa história, que prende sua atenção, com os acontecimentos sucedendo-se à sua frente, bastando olhar. Dispensam até a companhia de alguém para contar-lhes histórias. Que dizer de um livro? Ele exige o esforço de ser lido, e nem sempre o trabalho da leitura compensa: são comuns as narrativas monó

tonas, com temas que pouco dizem às expectativas e interesses do leitor; a linguagem, ora é infantilóide, ora, rebuscada; enfim, não satisfazem suas fantasias, curiosidades e carências.

A televisão, como grande parte da literatura infantil, tem sido apontada como meio de dominação ideológica, que incute falsas verdades, homogeneizando as expectativas de vida. Isso ocorre desde sua criação, sob a máscara do divertimento. E se essas suas características são evidentes, mais uma razão para vê-la criticamente, tirando o máximo proveito do interesse que desperta nas crianças.

Ver televisão a criança o faz naturalmente; conviria que aprendesse a ler televisão. Mais do que muitos livros ou o discurso pedagógico, a leitura crítica do vídeo pode levar a compreender questões de linguagem, da realidade social e cultural, e motivar transformações. Além disso, se há preocupação em estimular o hábito de leitura, a TV pode ser uma ponte entre a criança e os livros. De certa forma, é um texto ao vivo.

A noção de texto, hoje, está cada vez mais ampliada. De trabalho escrito passa a ser visto como algo dinâmico, produto de uma ação formal e simbólica, configurando-se como um acontecimento histórico que desencadeia uma relação também histórica do leitor com o que é lido. Partindo dessa perspectiva, o ato de ler não significa decodificar mecanicamente signos linguísticos, mas caracteriza um processo de compreensão e descoberta de sentido, fruto do diálogo com o texto, tornando relevante e conseqüente a postura do leitor diante do que lê.

Caberia, então, ao adulto, especialmente ao professor, criar condições de leitura, respeitando a vivência sensível e a capacidade de reflexão do leitor. Assim poderia

contribuir para que a criança compreendesse a realidade em que vive e pudesse participar como agente efetivo de transformações dessa mesma realidade, seja através da leitura de um livro ou de um programa de televisão.

Em minha Salinha de Leitura, em Porto Alegre, frequentada por crianças da classe média, ao redor de 9 anos, vinha observando indiferença pelos livros de Monteiro Lobato, o autor infantil, por excelência, da minha geração. Diziam-se que eram grossos e "meio chatos", que O Sítio do Picapau Amarelo, na TV, era melhor. Andei, então, assistindo a alguns programas. A partir daí, comecei a conversar com as crianças. Primeiro relatei minha surpresa diante da diferença entre os textos que eu conhecia e a série da TV. E perguntei aos que tinham lido os livros, se sentiam essa diferença. Alguns disseram que até gostavam dos textos, mas que o Sítio da TV era "outra coisa". Estimulei a verificação dessa "outra coisa". Por que haveriam mudanças? Como era o tempo em que Lobato escreveu e como é hoje? Como se observa isso nos livros e na TV? Os leitores se mobilizaram para tentar esclarecer as dúvidas. Discutiam, voltavam aos livros, comentavam o programa da televisão. Gradativamente, o grupo foi aumentando; mais gente queria entrar na brincadeira. E eles mesmos foram abrindo novas perspectivas de exame. As diferenças e semelhanças entre os episódios e personagens, o que aparecia na TV e não nos livros e vice-versa. Fiquei de observadora das atividades, mas volta e meia, colocava um por quê. Às vezes se aborreciam com a minha interferência, mas em geral discutiam para tentar chegar a uma resposta. Aos poucos, além dos textos de Lobato, entraram outros em questão. Surgiram os super-heróis das histórias em quadrinhos, também presentes no Sítio da TV. Então começaram a fazer comparações com as mesmas personagens, nas revistas, nos filmes e desenhos animados, inferindo diferenças de linguagem, de caracterizações, de ambiente, etc.

Estou agora projetando ampliar a experiência, a partir do que recentemente observei nos Estados Unidos, onde a televisão está sendo muito usada para estimular o gosto pela leitura.

Desde 1976, Michael McAndrew, um especialista em leitura, vem realizando um trabalho a partir de scripts de TV. Escolhe os programas mais populares e encoraja os alunos a lerem-nos em aula e em casa. Discute com eles o modo de apresentação do texto, as personagens, suas relações, seus modos de falar e agir. Tudo tendo em vista a comparação entre o texto e o programa na TV. Sabendo, de antemão, filmes e séries a serem apresentados, indica os livros que originaram o espetáculo, e discute-os em aula, antes e depois dos alunos assistirem, em casa, o show da TV.

Os resultados têm sido tão animadores que, da Filadélfia, onde o trabalho começou, espalhou-se por inúmeros estados americanos. E o recurso tem sido especialmente usado em escolas das camadas sócio-econômicas mais carentes, que têm na televisão referência básica para informação e lazer. Surgem especialistas em transformar filmes em romances. E boa parte dos livros mais procurados, especialmente pelos adolescentes, originaram-se em séries filmadas.

É de se pensar em que medida tais experiências seriam significativas, no Brasil. Parece-me que, em princípio, podem contribuir favoravelmente para dinamizar a rotina escolar e desenvolver o espírito crítico, podendo até se tornarem meios para despertar ou reativar o gosto pelos livros. E, se o professor é um criador de condições de leitura, podem até marcar uma etapa importante no amadurecimento do aluno, aumentando sua necessidade de convívio com a literatura, sua capacidade crítica em face da realidade.

REFERÊNCIAS:

- 1 - MOBRAL - 10 anos: dúvidas e incertezas. In O Estado de São Paulo, São Paulo, 7 set 1980, p.30.
- 2 - A Situação da Criança no Brasil. Centro de Defesa da Qualidade de Vida (org). Rio de Janeiro, Livraria Muro, 1980.
- 3 - Cadernos de Pesquisa. Crianças. Fúlvia Rosemberg (org). Fundação Carlos Chagas, São Paulo, dezembro 1980.